

A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano

The ancient Alexandria reflected the Roman look

Joana Campos Clímaco*

Resumo: Além de Roma, nenhuma cidade no Alto Império romano foi mais caracterizada e criticada por escritos de fora do que Alexandria. As imagens produzidas no período romano criaram representações da cidade que a historiografia contemporânea perpetua: uma cidade linda, turbulenta e enorme, que ficava atrás apenas de Roma. O objetivo desse artigo é discutir como as imagens associadas à grandeza e prosperidade de Alexandria ilustraram uma percepção da cidade como um espelho de Roma e uma ameaça à sua hegemonia. Minha intenção é demonstrar como a escolha dos conteúdos não foram inocentes, nem tampouco a dualidade das narrativas, que enfocavam as qualidades e realizações de Alexandria, por um lado, e os seus problemas e tendência à polêmica, por outro.

Abstract: Apart from Rome, no city in the early Roman Empire was more characterized and criticized by outsiders than Alexandria. These images produced in Roman times created representations of the city that the contemporary historiography perpetuates: an enormous, beautiful and turbulent city, second only to Rome. The aim of this article is to discuss how these images associated to Alexandria's greatness and prosperity illustrate a perception of the city as a mirror to Rome and a threat to its hegemony. My objective is to demonstrate that the selection of themes was not innocent, as was not also the duality within the narratives, that focus on Alexandria's qualities and achievements on the one hand, and on its problems and tendency to polemics, on the other.

Palavras-chaves:

Alexandria;
Egito romano;
Ptolomeus;
Tradição;
Representação.

Keywords:

Alexandria;
Roman Egypt;
Ptolemies;
Tradition;
Representation.

Recebido em: 24/06/2013
Aprovado em: 22/07/2013

* Doutora e mestra em História Social pela Universidade de São Paulo.

Alexandria tornara-se a mais importante fundação de Alexandre no Mediterrâneo (fundada em 331 a.C.) e tinha trezentos anos quando foi incorporada por Otávio Augusto e transformada na Capital da província romana do Egito. Antes da conquista era a segunda metrópole do mundo habitado (em população e tamanho). Era também a Capital do antigo reino do Egito, um território rico e intrigante para os romanos há séculos, além de importante fornecedor de trigo para Roma. Nenhuma cidade no Império Romano, além de Roma, nos fornece tantos testemunhos a partir de perspectivas externas quanto Alexandria. Consequentemente, deve-se partir de Roma e da pluralidade de domínios do Império para refletir sobre Alexandria. Por outro lado, a escassez de narrativas dos próprios habitantes acerca da cidade é também notória.

Muitos relatos sobre a metrópole egípcia produzidos por não-alexandrinos nos fornecem importantes elementos para analisar a cidade segundo posições imperiais, pois a cidade é definida a partir de jogos de poder e das relações estabelecidas com Roma. Nesse sentido, os relatos não apenas caracterizam e definem Alexandria, mas lançam luz sobre as preocupações e anseios romanos com relação à cidade que conquistara crescente importância no Mediterrâneo. O objetivo desse artigo é discutir como as imagens associadas à grandeza e prosperidade de Alexandria esboçam a percepção da cidade como um espelho de Roma e uma ameaça a sua hegemonia. É importante sublinhar que a maioria dessas narrativas não estava preocupada em descrever e situar Alexandria, porém o fazia quando o seu destino ia de encontro às questões imperiais. Nesse sentido, estas narrativas produziam imagens de Alexandria que agradavam, desagradavam, fascinavam ou ameaçavam Roma.

A fundação da cidade, o desenvolvimento acelerado promovido pela dinastia ptolomaica e sua história inicial eram parte considerável de sua representação no Império. Um dos assuntos mais abordados pela literatura greco-romana dos primeiros dois séculos de Império Romano com relação a Alexandria foi a fundação por Alexandre. Diodoro da Sicília trata de Alexandria antes da conquista, mas no contexto em que a tomada do Egito já estava em pauta na classe dirigente romana. O autor associa o nome da cidade a Alexandre com o intuito de estabelecer um marco temporal, contabilizando a longa duração do reino egípcio, desde Ísis e Osíris, até que "Alexandre fundou uma cidade seguindo o seu nome" (*Bibliotheca Historica*, 1.23.1). Em outro contexto, o autor estabelece uma cronologia das grandes cidades egípcias; Tebas minguara com o crescimento de Mênfis, e esta perdera importância após a fundação de

Alexandre. Depois disso todos os esforços foram destinados ao seu desenvolvimento (*Bibl. Hist.*, 1.50.6). Assim, Alexandria entra na sua narrativa como um novo momento da história egípcia, representando o fim de uma era, um tempo em que o Egito fora “tocado” por um grego memorável. Ou seja, Alexandria se tornara o foco das atenções dos reis, por ser uma fundação de Alexandre, que concedeu uma *polis* grega de presente a esse reino, agregando ao Egito outra identidade. Tornando-se relativamente helenizado nesse contexto, o território passa a ser alvo de atenções dos gregos. Diodoro narra sobre a fundação no livro XVII:

Ele decidiu fundar uma grande cidade e comandou os encarregados que ficaram para trás a estabelecer a cidade entre o pântano e o mar. Ele delimitou o sítio e o traçado das ruas com habilidade e ordenou que a cidade se chamasse Alexandria seguindo o seu nome. Foi convenientemente situada perto do porto de Faros, e ao estabelecer o ângulo certo para as ruas, ele possibilitou que a cidade respirasse com os ventos etésios, pois quando esses sopram por uma grande extensão do mar, eles esfriariam o ar da cidade, então proporcionou aos muitos habitantes um clima moderado e boa saúde. Ele também concebeu os muros para que fossem ao mesmo tempo extremamente largos e maravilhosamente fortes. Estendendo-se entre o grande pântano e o mar, permite por terra apenas dois acessos, ambos estreitos e absolutamente fáceis de bloquear (*Bibl. Hist.*, 17.52).

Pode-se observar como a descrição da instalação da cidade remeteu, inicialmente, à genialidade e racionalidade da decisão de Alexandre, retratado como o sujeito principal de todo o processo. Essa escolha concedeu àquele local sua existência memorável. Os aspectos mais realçados por Diodoro nesse trecho foram a grandeza territorial, a boa posição defensiva da cidade, além da escolha do local adequado. Diodoro escreveu em um contexto de guerra civil, de crise da República e ao mesmo tempo de engrandecimento de Roma, que se transformava de cidade-Estado para uma cidade imperial. A ênfase na grandeza da fundação de Alexandre poderia estar aludindo ao crescimento de Roma, que contrastava com o crescimento de Alexandria, pois foi feito desordenadamente.

Estrabão não teria conhecido a obra de Diodoro, mas os dois forneceram testemunhos do mesmo período da cultura helenística e ambos visitaram Alexandria e o Egito (entre 25 e 24) com um intervalo de aproximadamente 30 anos (YOYOTTE, 1997, p. 28). Enquanto Diodoro pretendia elaborar um relato enciclopédico, Estrabão estava

mais interessado em sua contemporaneidade, e remetia ao passado apenas para contextualizar certos temas presentes (YOYOTTE, 1997, p. 17). Como seu antecessor, Estrabão remetia-se ao episódio de fundação alexandrina para ressaltar o bom posicionamento da cidade e a escolha do terreno adequado. Assinalou, ainda, o sinal de boa sorte e prosperidade futura (associada à abundância e produtividade), que foi revelado na demarcação do terreno (*Geographica*, 17.1.6). Dessa forma, Estrabão agregou mais um elemento ao *topos* do contexto de fundação: os presságios indicando a sua prosperidade e demonstrando a predestinação do local. Assim, várias circunstâncias colaborariam para a sua futura fortuna. Além da decisão certa de Alexandre ao visualizar o local, a boa sorte seria confirmada na definição das linhas da cidade.

Estrabão enumerou, também, as vantagens do local escolhido, o fato de a cidade estar situada entre dois mares, o Mediterrâneo e o lago Mareótis, que pela grandeza era definido como outro mar (*Geogr.*, 17.1.7). Apesar de sua pretensão de elaborar um relato mais técnico e objetivo, com a intenção de informar os homens públicos sobre cada localidade do Império, também se percebe em Estrabão a influência de lendas para legitimar a importância de Alexandria.

Conforme os relatos se distanciam cronologicamente do contexto de fundação da cidade, maior é a carga lendária e o detalhamento dos mesmos, como fica perceptível em Plutarco, Quinto Cúrcio e Arriano, os biógrafos de Alexandre. A fundação é descrita em contexto de extrema exaltação à sua figura. Dessa forma, a construção da cidade e as circunstâncias da sua chegada ao Egito são vistas como provas da sua genialidade.¹

Para Plutarco, a decisão de Alexandre foi inspirada por Homero, destacando como a obra do poeta foi “companheira” de Alexandre durante suas viagens. Após conquistar o Egito e decidir fundar uma cidade grega, grande e populosa, seguindo o seu nome, Plutarco relata que Alexandre discutia com seus arquitetos e conselheiros sobre o melhor terreno, quando teve uma maravilhosa visão durante o sono, determinando a escolha (*Vita Alexandri*, 26.1):

¹ O fato de os relatos terem circulado nos séculos I e II sugerem que os papéis de Alexandre e dos Ptolomeus não tiveram um impacto tão negativo no período romano, levando em conta sua validade para a história inicial de Alexandria (KRASILNIKOFF, 2009, p. 25).

E quando ele viu um terreno de vantagens naturais incomparáveis (pois é uma faixa de terra suficiente para um largo istmo, se estendendo entre um grande lago – e uma faixa de mar que termina em um grande – porto), ele disse que percebeu no momento que Homero não era apenas admirável em várias outras coisas, mas também um arquiteto muito sábio, e ordenou que o plano da cidade fosse desenhado de acordo com esse terreno (*Vit. Alex.*, 26.4-6).

Percebe-se o quanto Plutarco entendia Alexandria como um estabelecimento grego e a inspiração de Alexandre por Homero era uma forma de legitimar a herança helênica.² Em seguida, Plutarco descreveu o episódio da visita de Alexandre ao oráculo de Amon, confirmando que ele se tornaria mestre de toda a humanidade (*Vit. Alex.*, 27.4). Nesse sentido, Alexandre tinha a hegemonia entre os homens e Alexandria era a sua fundação, inspirada por Homero. O autor poderia estar inferindo a primazia de Alexandria como capital helenística ainda no seu tempo.

Se em Estrabão há uma ênfase maior na racionalidade da decisão de Alexandre, que teve a ideia depois de visualizar o terreno, em Plutarco a predestinação do local foi reforçada, pois foi em um sonho que anunciaram a Alexandre o melhor local, e os sinais de boa sorte da região foram confirmados na demarcação do terreno. A presença de Homero como inspiradora sinalizou que era aos gregos que a glória e o sucesso referentes à fundação da metrópole deveriam ser atribuídos. A origem de Alexandria vinculou-se a Homero e a Alexandre, e ambos os escritores (Plutarco e Estrabão) legitimaram a identidade incontestavelmente grega da cidade. O ideal de Plutarco talvez fosse demonstrar a continuidade e vivacidade da cultura helênica através das novas instalações helenísticas.

Os mitos eram importantes para conferir ideologia cívica e fortalecer os vínculos de pertencimento a uma cidade (FEENEY, 1998, p. 53). Sobretudo quando se tratava de uma nova fundação, que “ansiava” por sua identidade própria para unificar gregos de regiões distintas, precisavam-se de mitos para solidificar seu valor histórico. Ressaltar o elo entre Alexandre e Alexandria era uma forma de conceder à cidade uma antiguidade e um passado mítico, mesmo que recente. Dessa forma, Plutarco ajudou a fabricar uma

² Alexandre era um grande conhecedor do poeta, que já mencionava a prosperidade do Egito em sua obra. Assim, é plausível que tivesse em mente tais passagens quando chegou e resolveu fundar a sua cidade (VASUNIA, 2001, p. 255).

identidade grega para Alexandria, e naturalizar essa identidade através da associação com Alexandre.

Em outro livro, Plutarco faz uma observação que ilustra ainda mais a sua percepção do quanto Alexandre foi fundamental para marcar uma nova era no Egito. Relatou que os novos sujeitos foram “civilizados” graças à conquista de Alexandre, concedendo Alexandria ao Egito, pois a fundação de cidades ajudou a eliminar a “selvageria” (*Moralia. De Fortuna Alexandri*, 328.F.5). Assim, o autor estabeleceu uma hierarquia entre Alexandria e o Egito como um todo, onde predominava a “selvageria”, embora as instalações gregas ajudassem a espalhar a “civilidade”.

Arriano, outro biógrafo de Alexandre, posterior a Plutarco, elaborou um relato partidário da herança grega de Alexandria, embora mencionasse a sua posição ideal, beleza e prosperidade. Após escolher o local, Alexandre marcou onde seria a praça central, quantos templos seriam construídos, em honra a que deuses, alguns de origem grega, e outros egípcios, como Ísis, e onde o muro deveria cercar (*Anabasis Alexandri*, 3.1.5.2). Em seguida, narrou a lenda da marcação do terreno e justificou não ter motivos para duvidar de sua veracidade (*Anab. Alex.*, 3.2.1). Ao mencionar a homenagem a deuses gregos e egípcios tinha a intenção de ressaltar a conciliação entre as duas culturas promovidas por Alexandre. Diferentemente de Plutarco, no entanto, Arriano indica o relativo pertencimento de Alexandria ao Egito como um todo. O autor menciona a necessidade da vigília sobre o Egito, em virtude de sua força, algo que os romanos haviam aprendido com Alexandre (*Anab. Alex.*, 3.5.7). Dessa forma, Arriano verbalizou abertamente a percepção do Egito de sua época, e transferiu tal preocupação a Alexandre.

No mesmo contexto de escrita de Arriano, Pausânias também aborda a fundação de Alexandria, porém, cita os rumores que existiam numa pequena cidade chamada Rakhotis (*Graeciae descriptio. Elis*, 1.5.21.9.11). Chamou a atenção para uma presença egípcia anterior no local. Em outro trecho, quando cita exemplos de cidades que foram reduzidas a nada, apesar de um dia terem sido tão imponentes (como Tebas e Babilônia), cita a fundação de Alexandria como um exemplo de fundação recente e que alcançara seu tamanho e prosperidade favorecida pela sorte, que era maior e mais maravilhosa do que os desastres e a prosperidade das cidades (*Graec. Descr. Arcadia*, 8.33.3). O autor sugere o papel determinante da sorte em muitas ocasiões. Aqui estaria provavelmente se referindo à “sorte” das fundações de localidades gregas em terrenos

bárbaros por eminentes gregos, levando a “civilização” para o local. Assim, Alexandre tornara tais localidades legitimamente gregas.

Como gregos pertencentes à filosofia da segunda sofística, Plutarco, Arriano e Pausânias valorizaram os feitos dos gregos. Portanto, Alexandria foi vista como uma primorosa realização de Alexandre e dos helenos. A cidade já estava incorporada ao Império Romano. No entanto, continuava sendo um local digno de atenções e era necessário justificar de forma mítica a sua proeminência, talvez para legitimar a sua importância no presente. Reforçaram, então, o fato de Alexandre ter concedido valor àquele local e, por isso, o Egito e Alexandria, em especial, mereceriam atenção. Ou seja, quanto mais forte a veiculação de sua fundação lendária, maior também a sua identidade e seu desenvolvimento indissociáveis da figura de Alexandre.

O cenário da fundação foi também comentado pelos autores latinos como Vitrúvio, Plínio, o Velho, e Quinto Cúrcio. Vitrúvio enfatizou a prosperidade da cidade e a presença do arquiteto Deinócrates no projeto com Alexandre (*De Architectura. Praefatio*, 2.4). Vitrúvio sublinhou, principalmente, a abundância de trigo e a posição do local como empório, reforçada pela construção do porto. Plínio, o Velho, ressaltou que além de gabar-se das antigas glórias, o Egito podia se orgulhar de ter tido, no reino do rei Amasis, 20 mil cidades, e mesmo na sua época ainda havia um grande número. Porém, destacou que Alexandria era a merecedora dos maiores elogios. Descreveu as circunstâncias de sua construção, enfatizando a antiguidade do sítio de Rakhotis. Notou, ainda, a delimitação do terreno pelo arquiteto Deinócrates. Plínio mencionou a grande área ocupada pela cidade e que um quinto do terreno fora dedicado aos palácios reais (*Naturalis Historiae*, 5.11.60-63). Este mesmo autor demonstra uma atitude respeitosa em relação ao Egito antigo, pois a cidade fora instalada em um terreno antigo, onde já havia uma sucessão de cidades imponentes. Porém, destacou a proeminência de Alexandria no local, deixando evidente a sua percepção da superioridade da cultura grega. Como Vitrúvio, Plínio sugeriu que o fundador deveria dividir as honras de seu feito com o arquiteto Deinócrates. Mencionar a importância do arquiteto na execução do projeto era uma forma de realçar e louvar o planejamento da cidade. Os dois relatos são também menos carregados de mitos, e elogiam Alexandre mais pela sua racionalidade do que pelo seu caráter de visionário.

O relato de Quinto Cúrcio Rufo é a única biografia preservada em latim sobre Alexandre e foi escrita no século I d. C., antes que as de Plutarco e Arriano. A sua

narrativa sobre a fundação se insere depois de uma sequência de críticas ao Egito. Cúrcio relatou que os egípcios se apressaram em ajudar Alexandre na destruição das tropas persas, por serem “um povo volúvel, instável, e mais inclinado a começar uma revolução do que conquistar grandezas” (*Historiae Alexandri Magni*, 4.1.28-30). Em virtude dessa tendência turbulenta, Alexandre colocou dois homens sob o comando do Egito e lhes deu quatro mil soldados para defender a região. Em seguida, ordenou que habitantes das cidades vizinhas fossem para lá, preenchendo a cidade com uma grande população. Por fim, Cúrcio mencionou o episódio da demarcação como um bom presságio, pois a região forneceria suprimentos para muitas terras (*Hist. Alex. Mag.* 4.8.6.1).

Percebe-se que Cúrcio não é tão entusiasta com relação à excelência e predestinação do local da fundação de Alexandria quanto os outros biógrafos. No entanto, não deixa de ressaltar a prosperidade, a grandeza, a racionalidade e o planejamento do projeto. Antes da descrição da cidade, o primeiro aspecto enfatizado por Cúrcio foi a tendência dos egípcios à rebelião e, em seguida, a riqueza agrícola da cidade. Ou seja, Cúrcio deixou transparecer os dois motivos pelos quais se deveria prestar especial atenção à metrópole egípcia: produtividade e turbulência, deixando evidente a referência à Alexandria contemporânea. Talvez por ser um autor latino e mais próximo do tempo de Augusto, ele tenha promovido uma menor exaltação à cidade e colocado maior ênfase na polêmica, por ainda estar “contaminado” pela propaganda de Augusto. Assim, usara a versão mais lugar comum do Egito da sua época (entre Tibério e Cláudio), transferindo questões de seu tempo para o momento de fundação. Outro aspecto que difere Cúrcio das outras biografias é o fato de ele não definir Alexandria como uma cidade grega, e sugerir a predominância de egípcios em sua composição social inicial, quando menciona o povoamento com habitantes das cidades vizinhas.

Com a fundação, Alexandria tem o seu nome vinculado a um homem de grande prestígio entre os antigos, algo ponderado ao estabelecer julgamentos sobre a cidade. A escolha do lugar adequado e a menção de sua antiguidade eram uma espécie de *topos* nos relatos de fundações de cidades (RUNIA, 1989, p. 402-403). Principalmente em uma nova fundação, onde os imigrantes continuavam ligados aos centros de origem, Alexandre seria o denominador comum dos novos moradores (KNOX, 1985, p. 25). Se séculos depois da fundação os autores reforçavam o vínculo da cidade com Alexandre, é provável que tal traço fosse um elemento forte em toda a história anterior

de Alexandria e que tenha sobrevivido a Roma. Precisaria, no entanto, ser resgatado pelos gregos, em virtude de tantos relatos de condenação à Alexandria com base nos *topoi* negativos divulgados por autores latinos após o governo de Augusto. Os representantes da segunda sofística retomaram os mitos de fundação para fortalecer a herança helênica das novas fundações (SWAIN, 1996, p. 73). O fortalecimento de Alexandre como mito fundador, no período romano, colocou em maior evidência seus grandes feitos. Assim, suas ações foram resgatadas e lembradas sob Roma, pois serviam até mesmo de exemplo para o Império Romano.³

Foi necessário recorrer à Alexandria de outrora para entender a Alexandria do presente. Assim, os autores retrocederam à origem promissora para justificar o desenvolvimento posterior de Alexandria, justamente porque sua procedência estava associada ao maior mito e herói daquele momento: Alexandre. Dessa forma, foi atribuída ao momento da fundação e à escolha do terreno grande parte do potencial e desenvolvimento futuro da cidade, provavelmente pelos autores terem em mente a Alexandria de seu tempo (já próspera), e não dissociarem esta imagem da imagem da fundação.

Com relação ao período ptolomaico, o principal enfoque foi no desenvolvimento inicial do novo estabelecimento e na importância dos primeiros reis em garantir o esplendor e a sofisticação de sua fachada. Assim, na identidade imperial de Alexandria um espaço considerável era reservado aos reis e à força de seus vínculos com Alexandre.⁴ A documentação deste período é mais escassa do que para o contexto de fundação, porém o foco sobre os Ptolomeus aumentou conforme a realeza começou a

³ Por mais que um elaborado *background* ideológico tenha moldado a sua conquista no Egito, por toda a produção de conhecimentos a que teve acesso anteriormente, grande parte de suas realizações foram divulgadas posteriormente, após os seus resultados duradouros em longo prazo (VASUNIA, 2001, p. 249).

⁴ Após a sua morte e toda a disputa entre seus sucessores pelo território conquistado, ocorre um relativo equilíbrio de poder, e Ptolomeu cedo insiste na sua opção pelo Egito, talvez por ser uma região que estava ainda relativamente fora dos circuitos comerciais gregos mais importantes. Ptolomeu percebeu também que através de Alexandria, seria mais fácil vincular a sua imagem à memória do conquistador (BINGEN, 2007, pp. 19-20). Os sucessores de Alexandre empreenderiam esforços no sentido de provarem sua participação ao seu lado nas batalhas, a começar por Ptolomeu, que transferiu o corpo do herói para ser enterrado em Alexandria e associou a fundação de Alexandre com a sede de seu novo poder estabelecido no Egito (SPENCER, 2002, p. 8).

se relacionar com Roma.⁵ Diodoro narra a respeito do rápido desenvolvimento de Alexandria:

[...] está adornada em toda sua extensão com ricas fachadas de casas e templos. Alexandre ordenou que se construísse um palácio admirável pelo tamanho e solidez do trabalho. E não apenas Alexandre, mas aqueles que depois dele governaram o Egito até a nossa época, com poucas exceções engrandeceram o palácio ainda mais com adições extravagantes. A cidade no geral tem crescido tanto nos últimos tempos que muitos a tomam como a primeira cidade do mundo habitado, e certamente ultrapassa todas as outras cidades em beleza, extensão, abundância e luxo. O número de seus habitantes supera o de outras cidades. Na época em que estávamos no Egito, aqueles que mantinham os registros de censos da população diziam que sua população livre ultrapassava os trezentos mil, e que o rei recebia dos rendimentos do Egito, mais do que seis mil talentos (*Bibl. Hist.*, 17.52.3-6).

Percebe-se a quantidade de adjetivos usados por Diodoro para descrever a cidade, todos associados à grandeza, riqueza e beleza, e justificando que muitos autores colocavam Alexandria à frente de Roma no seu tempo. Assim, o autor circunscreveu o tipo de rumor em circulação no seu meio sobre a monumentalidade de Alexandria. Notou, também, o seu crescimento contínuo, talvez por isso a classificasse como “primeira”. Para Mckenzie (2008, p. 75) esse comentário é uma evidência do crescimento da metrópole durante todo o período ptolomaico. A ênfase de Diodoro foi, principalmente, na importância dos reis para o estabelecimento e sofisticação dos edifícios, e na prosperidade, riqueza e grandeza populacional da metrópole.

Outro destaque dado por Diodoro e Estrabão entre as realizações dos primeiros reis se referiu à transferência do corpo de Alexandre da Babilônia para o Egito, pelo primeiro Ptolomeu (*Bibl. Hist.*, 18.28.3-5). Diodoro mencionou a recusa de Ptolomeu em levar o corpo de Alexandre para Amon, enfatizando novamente o vínculo entre Alexandre e Alexandria. Ou seja, dever-se-ia deixar o corpo do rei repousar em sua fundação grega, e não o associar a símbolos egípcios. Tal decisão denota a formação de uma nova identidade no Egito, da qual Alexandre e a nova realeza lá instalada eram representantes. Estrabão destacou que no Sema (outra parte do palácio real) repousavam os túmulos de Alexandre e dos reis. Assim, por fazerem parte do mesmo

⁵ As fontes do período romano enfocam mais episódios isolados da história da dinastia, que denotam o esbanjamento da corte e suntuosidade dos edifícios, depois, se deslocam para os conflitos entre Ptolomeus e Selêucidas, e, em seguida para a progressiva presença de Roma na resolução dos impasses.

complexo mortuário, Estrabão indicou a forte ligação entre eles (ERSKINE, 2002, p. 164). Estrabão encerrou com a narração sobre os portos e a distribuição de templos (*Geogr.*, 17.1.8). Com toda essa estruturação, o autor sublinhou a importância da cidade como centro real, administrativo, espiritual e comercial. Como em Diodoro, o enfoque principal de Estrabão foi na suntuosidade dos palácios, resultando na manutenção de parte do antigo esplendor real ainda nos seus dias.

Em contraste com os relatos de Diodoro e Estrabão, Pausânias e Cúrcio destacaram a passagem do corpo de Alexandre por Mênfis, antes de sua transferência para Alexandria (*Graec. Descr. Ática*, 1.6.3; *Hist. Alex. Mag.*, 10.10.20.3). A passagem pela antiga capital faraônica do Egito ressaltou a porção egípcia e helenística da identidade de Alexandre, que os relatos anteriores não vislumbraram. Foi, então, uma forma de promover uma conciliação entre as culturas através de Alexandre.

A grandeza das edificações e dos palácios reais de Alexandria foi menos notada pelas fontes latinas, com exceção do farol de Faros, mencionado por César (*Bello Civili*, 3.112.2.1) e Plínio (*Nat. His.*, 36.18.83.2). Nessa fase do desenvolvimento inicial da cidade, a ênfase nos autores foi na motivação dos reis em transformar Alexandria na sede legítima de uma realeza herdeira de Alexandre. Portanto, todos os investimentos deveriam ser feitos para divulgar a sua riqueza e poder. O retrato pintado foi de Alexandria como a manifestação suprema do monumental, do grandioso e do excessivo. Acreditamos que os relatos pretendiam mostrar a importância e imponência de Alexandria determinadas por Alexandre, para informar que ela tinha condições de rivalizar com Roma, caso tivesse condições e organização (como Diodoro sinalizou antes da conquista romana). A intenção de tais escritos era reportar, de uma forma indireta, o fato de que Alexandria era em muitos aspectos semelhante a Roma.

Os autores fazem uma leitura da cidade *a posteriori*, pois tratam da Alexandria do seu tempo; um pólo comercial por excelência. Os comentários sobre a prosperidade do Egito e a importância comercial de Alexandria estão presentes em vários contextos de sua descrição. Antes da tomada do Egito, autores latinos já assinalavam a sua vitalidade para o Império. Cícero sugeriu em vários momentos de sua obra que as relações entre a classe política romana e o reino deveriam ser cuidadosas, devido a sua prosperidade (*De Lege Agraria Contra Rullum*, 2.16.41-43 e *De Officiis*, 3.12.50) (*Epistulae ad Atticum*, 2.5.1.1; 9.9.2.13). Dessa forma, o autor ilustrou a dependência e suscetibilidade romana do trigo egípcio. Devido ao contexto em que escreveu, é plausível que mencionasse a

produtividade egípcia como uma espécie de advertência para se incorporar logo o Egito ao domínio romano.⁶

No contexto do embate de César com os alexandrinos, o relato da guerra alexandrina realça a abundância da cidade em todos os tipos de suprimentos e a supremacia alexandrina nos mares e suas técnicas (*Bellum Alexandrinum*, 3.1.1; 16.10.1). A literatura menciona as boas condições comerciais na região no contexto ptolomaico, porém ressalta ainda mais o avanço após a incorporação por Roma. Deve-se considerar que os escritos do período tenderam a enfatizar a importância de Otávio. Nesse sentido, dão pouca importância à prosperidade e às rotas comerciais estabelecidas antes do impacto da paz romana. Ou seja, os relatos são evidências do desenvolvimento promovido por Roma, contudo são também sinais do enaltecimento ao Império.⁷

Estrabão é a fonte mais importante para analisarmos o papel de Alexandria como um ponto de acesso ao Oriente, pois ele abordou a temática com o intuito de ressaltar o desenvolvimento comercial do seu tempo. Observou que em sua época, a maior parte dos aromáticos vindos da Arábia e Índia era transportada através do Nilo para Alexandria. Os artigos eram levados de camelo até Copto na Tebaida, até um canal do Nilo, e de lá seguiam em direção à metrópole (*Geogr.*, 16.4.24.20). Estrabão ressaltou que antes da fundação de Alexandria, o acesso aos portos era difícil e muito vigiado, pela presença de piratas que atacavam barcos ao tentarem chegar lá (*Geogr.* 17.1.19). Em razão disso, talvez, e de maneira não intencional, o autor sugeriu a abertura comercial do Egito antes da paz romana, intensificada pela construção de Alexandria e instalação de novos portos.

Estrabão assinalou também a importância do porto interno do lago Mareótis, onde vários canais do Nilo desembocavam. Muitos produtos chegavam pelo rio e tornavam esse porto mais rico do que o marítimo (*Geogr.*, 17.1.7). Estrabão volta a ressaltar que a boa localização de Alexandria facilitava o comércio por terra e mar, transformando-a no “maior empório do mundo habitado”. O autor justificou a cobrança romana de mais impostos com o intuito de melhorar a administração, e estimular o comércio com o Oriente, que aumentara consideravelmente. Observou que

⁶ Seus comentários sugerem também que o Egito já era um importante fornecedor de trigo durante o período helenístico ao lado da Sicília (CASSON, 1984, p. 82).

⁷ Há evidências consideráveis indicando que antes dos romanos, os reis já tinham começado a explorar o comércio com o Oriente através da construção de portos ao longo da costa do Mar Vermelho (YOUNG, 2001, p. 19).

anteriormente poucos barcos atravessavam o golfo da Arábia e que no seu tempo grandes frotas chegavam ao Egito com cargas valiosas e de lá eram mandadas para outras regiões (via Alexandria). O autor enfatizou ainda que Alexandria era não apenas o receptáculo, mas também uma importante fonte de suprimentos para fora (*Geogr.*, 17.1.13).

Plínio narrou a importância da comercialização do papiro, da qual os romanos se beneficiaram após a fundação de Alexandria e assinalou a dependência de sua "civilização" do emprego do papel (*Nat. Hist.*, 13.21.68-70). Plínio direcionou o foco para Alexandria como centro comercial, pois ela era responsável por fornecer o material do qual o conhecimento universal dependia. Ou seja, a sua centralidade, em muitos setores, era notória e escapava mesmo ao controle de Roma, que era dependente de sua produção e desfrutava das inovações realizadas na metrópole egípcia. Ao enfatizar os ganhos comerciais em Alexandria promovidos pela conquista por Roma, Estrabão e Plínio destacaram a dinâmica comercial da cidade. Como os dois autores, Josefo ilustrou a sua centralidade como distribuidora de produtos para todo o "mundo habitado" e ressaltou as vantagens da posição geográfica do Egito e a frequência da entrada de produtos no porto de Alexandria (*Bellum Judaicum*, 4.612-615).

Tácito ressaltou a dependência romana em relação ao trigo egípcio em vários momentos (*Bel. Jud.*, 4.605; *Historiae*, 3.8). Em um contexto posterior, referente ao reinado de Trajano, Plínio, o jovem, descreveu um tempo de escassez no Egito em que os egípcios tiveram que recorrer ao imperador por um auxílio para o seu abastecimento interno (*Panegyricus*, 30). Segundo Plínio, a "sorte" escolheu o Egito para testar os recursos e a vigília de Roma. Argumentou que essa foi uma refutação da antiga crença geral de que Roma dependia do trigo egípcio, posição da qual o Egito costumava se vangloriar. Ressaltou, ainda, que a situação foi uma prova que a capital não precisava mais do Egito (*Paneg.*, 31).⁸ Embora Plínio negasse a dependência e usasse seus argumentos como prova do contrário, sua postura defensiva ilustrava um lamento em relação à posição do Egito como fornecedor de Roma.

Pode-se perceber a partir da discussão feita acima, que os autores gregos reforçaram mais a posição de destaque comercial de Alexandria, enquanto os latinos

⁸ Tais excedentes mandados por Roma para alimentar o Egito provavelmente eram originários do próprio Egito, o que Plínio entende como uma espécie de "vingança" romana e uma mudança no antigo quadro de dependência (ERDKAMP, 2005, p. 228).

estavam mais focados na questão específica do fornecimento do trigo. Tal imagem é contínua nas narrativas desde Cícero até Plínio, o Jovem, o que nos leva a inferir que foi um elemento forte e constante na sua representação entre os antigos.

Os entretenimentos em Alexandria eram mais um aspecto do cotidiano da cidade que a destacavam em seu meio. Infelizmente temos poucas descrições pormenorizadas de todas as formas de diversões realizadas na cidade, já que são abordadas pela literatura em tom de censura, por serem entendidas como ocasiões que desvirtuavam a população. Assim, acreditamos que o julgamento estabelecido em relação aos espetáculos estava relacionado com a percepção em relação à dinâmica da cidade. Além da frequência de festas e celebrações, Alexandria também se popularizou por um tipo de humor que parece ter sido mal compreendido pelos expectadores de fora, por ser visto como excessivo e malicioso. Os autores criticaram a tendência dos alexandrinos ao deboche e à falta de moderação nas palavras. Assim, os entretenimentos, uma forma de humor peculiar e o modo de se portar nas festividades tornaram-se mais uma via para criticar os habitantes de Alexandria. O fato de serem, além de tudo, realizados em multidão, era um agravante ainda maior.

Cícero (*Pro Rabirio Postumo*, 12.34.2) e o autor da *Guerra de Alexandria* (*Bell. Alex.*, 7.2.5) já haviam ressaltado a “natureza” alexandrina de falar sem critérios e propagar calúnias, uma atitude vista como teatral e imprópria, que os tornou famosos. Assim, quando as fontes nos falam na tendência “rebelde” dos alexandrinos, não estão necessariamente se referindo à iniciativa para conflitos armados, mas a esse talento em semear a discórdia e o alvoroço a partir de palavras. O quadro de condenação aos lazeres alexandrinos se fortaleceu ainda mais entre o século I a. C. e I d. C., após a propaganda de Otávio, no cenário de crítica a Cleópatra feita principalmente por poetas latinos.

Um exemplo de deboche de figura pública foi mencionado por Fílon, em sua crítica a Flaco, o prefeito romano que apoiou a onda anti-judaica na cidade. O autor relatou que para agredir o rei Judeu Agripa, que estava em Alexandria, os alexandrinos fantasiaram um “louco da cidade” de rei, e promoveram um teatro no ginásio para ridicularizá-lo (*In Flaccum*, 36-39). Como um filósofo judeu que era adepto da moralidade e aliado dos romanos, Fílon criticava os próprios conterrâneos e pode até mesmo usar do exagero através de um discurso que ia de encontro às críticas que os próprios romanos faziam do povo alexandrino. Outro episódio de zombaria de uma

figura pública que fez os alexandrinos serem castigados ocorreu quase 200 anos depois da situação narrada por Fílon e refere-se ao massacre dos alexandrinos por Caracala, narrado por Dion Cássio (*Historiae Romanae*, 78-79) e Herodiano (*Herodiano*, 4.8-9). Os autores justificaram como motivo maior da indignação de Caracala as calúnias divulgadas pelos alexandrinos com relação à morte de seu irmão. Herodiano dizia ser “natural” dos alexandrinos produzirem sátiras e fazerem piadas depreciando as autoridades (*Herod.*, 4.9.2-3).

A produção de sátiras e zombarias às autoridades, através da mímica, era uma tradição de longa duração na história da cidade, apesar de só ser citada em forma de censura.⁹ Foi, portanto, uma forma de disseminar rumores e reclamações, pois difundia o questionamento às questões contemporâneas e cívicas através do humor. Nesse sentido, tornaram-se mais um motivo para repreender os alexandrinos, pois seus ensinamentos induziam o povo a se tornar mais atuante em questões da cidade.

Em suas obras filosóficas, Fílon fez alguns comentários aludindo com censura os entretenimentos em Alexandria. Ressaltou os diferentes efeitos provocados na audiência do teatro (*De Ebrietate*, 177), a violência das corridas de cavalo (*De Agricultura*, 312.76; *Legum Allegoriae*, 3.223) e ilustrou a movimentação da ágora como um ponto de encontro e de negociações, com frequência resultando em violência, pela multidão que se aglomerava (*De Somniis*, 2.91, *De Specialibus Legibus*, 3.105). Estabeleceu uma condenação a todos os tipos de festivais, realizados entre gregos e bárbaros, afirmando que os de sua cidade geravam o caos absoluto, pois só resultavam em excessos, discórdias, insolência, ultrajes e depravação (*De Cherubim*, 91).

O discurso 32 de Dion Crisóstomo se concentrou justamente em aconselhar os alexandrinos sobre os excessos nos festivais. O autor argumentou que a beleza e a grandeza da cidade eram desfavorecidas pelo caráter da população (*Orationes*, 32). Apesar de ser avesso às multidões de forma geral, da mesma forma que Fílon, sua crítica aos alexandrinos foi específica, pois considerava que esse povo tinha um modo próprio de se portar em grupo, incompreensível para os outros.¹⁰ Dion advertia os alexandrinos a serem mais comedidos nos espaços públicos e controlarem o entusiasmo dedicado

⁹ A mímica não era usada apenas como diversão, mas também como fator de crítica (HARKER, 2008, p. 119). Eram manifestações mais elevadas no tom que outros eventos públicos da cidade e constantemente faziam referência a questões contemporâneas (BOWMAN, 1986, p. 216).

¹⁰ Segundo Jones, não há dúvidas de que Dion tinha mesmo visitado a cidade (1978, p. 36). A data do discurso é controversa; mas a maioria dos autores o atribui ao reinado de Trajano.

aos espetáculos, pois quando precisavam de seriedade em ocasiões críticas, não tinham foco. Esta é a mensagem central do discurso, mas para firmar sua opinião, Dion elaborou uma detalhada narrativa sobre Alexandria e sua população e refletiu sobre as consequências maléficas desse comportamento para a cidade (*Orat.*, 32.4-6).

Em seu propósito de crítica, o autor fez um comentário em que definiu Alexandria como uma “cidade-mundo” por aproximar todos os povos. Dessa forma, ilustrou a posição central de Alexandria na comercialização do Império, definindo a cidade como um ponto de convergência mundial, tanto de produtos, quanto de pessoas:

Pois sua cidade é a maior em magnitude e posição e é reconhecidamente classificada em segundo lugar entre todas as cidades sob o sol. Pois não apenas a antigo território do Egito constitui o suporte da sua cidade - ou mais precisamente o seu sustento - mas a natureza peculiar do rio, quando comparado com todos os outros, desafia descrições com relação tanto aos seus hábitos maravilhosos e sua serventia; e, além disso, não apenas você tem o monopólio da navegação de todo o mar pela beleza de seus portos, a magnitude de sua frota, a abundância e disposição do que se produz em todo lugar, mas também as águas de fora estão ao seu alcance, tanto do Mar Vermelho como do Oceano Índico, cujo nome era raramente ouvido dias atrás. O resultado é que o comércio, não apenas das ilhas, portos, alguns estreitos e istmos, mas de praticamente todo o mundo habitado é seu. Pois está situada, na reunião de toda a terra, até dos povos mais remotos, como se fosse um mercado servindo a uma única cidade, um mercado que reúne todos em um só lugar, os expondo um diante do outro, fazendo deles semelhantes (*Orat.*, 32. 35-36).

Diante da variedade étnica que se reunia no teatro, Dion esclareceu que qualquer inconveniência realizada, seria cometida na presença de “toda a humanidade” (*Orat.*, 32.37-39). Dion delineou um retrato cosmopolita da cidade e ressaltou a presença tanto de gregos, quanto de bárbaros das mais variadas regiões. E toda essa “mistura” se reunia nos espetáculos em Alexandria. Assim, Dion ressaltou que todas essas pessoas, ao retornar para as suas terras de origem, iriam elogiar a cidade, mas criticar seus habitantes. Sua percepção é que como uma “cidade-mundo”, Alexandria devia servir de exemplo, pois todos os olhares estavam voltados para a localidade, e por estar no “centro do mundo civilizado”, deveria zelar por sua reputação (*Orat.*, 32.45-47). Sua grande preocupação estava voltada para o que esse comportamento poderia gerar na

cidade após a aglomeração do povo. Ou seja, nenhum local, além de Roma, possuía a capacidade de agrupar uma multidão tão imensa e variada como Alexandria. Ao colocar tantos universos em contato, dali poderiam eclodir tumultos e rebeliões em grande escala, e mais do que isso, a partir de Alexandria, rumores e ideias de desafio à ordem poderiam se propagar e alcançar regiões amplas e ameaçar a ordem romana. Dessa forma, se o caos fosse ali instalado, prontamente se propagaria por todo aquele universo conquistado por Roma.

Alexandria tornou-se, então, conhecida pela sua devoção a entretenimentos, mas como a literatura produzida acerca da cidade só atenta para o lado negativo dos divertimentos, pouco se sabe do potencial da cidade como um centro de lazer. Enfatizar apenas as consequências dos espetáculos e os problemas era um modo de desviar o foco da Alexandria prazerosa e cultural, que estaria atraindo multidões e se destacando no setor. A elite romana não estimulava o desenvolvimento dessa tendência, pois por um lado, poderia aglomerar multidões e repercutir em caos e, pelo outro, a Capital do Império nos setores de entretenimento era Roma e não deveria haver outra. As evidências sugerem que tudo seria feito em busca de uma Alexandria quieta, ordenada e pouco reflexiva, e divulgando uma imagem da população com tal tendência à instabilidade criar-se-ia uma aversão ao que era lá praticado.

A representação alexandrina voltada para os entretenimentos foi reforçada principalmente por autores gregos a partir do final do século I d. C.. A situação turbulenta e festiva de Alexandria não era algo que os gregos interessavam reforçar. Assim, a cidade herdeira de Alexandre deveria zelar por sua herança e tradição de outra forma, e não promovendo o caos através dos entretenimentos. Se os latinos não mencionaram mais o contexto de entretenimentos na cidade após as reprovações a Cleópatra, fica implícito que era conveniente para a tradição manter o retrato anterior, de uma Alexandria como a terra da promiscuidade e dos prazeres excessivos.

O autor alexandrino Aquiles Tácio nos fornece um quadro poético a respeito da variedade de povos de Alexandria, além de ressaltar sua enormidade, beleza, vivacidade. Sublinhou a enormidade populacional de Alexandria, fazendo uma metáfora da cidade como sendo maior que um continente, devido à mistura de povos contidos no local. E reforçou que duas coisas o impressionaram muito: a grandeza do lugar e sua beleza, pois a cidade era "maior que um continente", e seu povo maior que uma "nação inteira". O autor duvidava se algum povo poderia algum dia enchê-la, e com tantos habitantes,

imaginava se alguma cidade seria grande o suficiente para abrigar todos (*Leucippe et Clitophon*, 5.1). O autor sinalizou um grande encantamento pela cidade, embora demonstrasse um envolvimento pessoal, por ser alexandrino, algo menos notável em Fílon. Por mais poética que seja sua narrativa, o relato de Aquiles Tacio explicita a vivacidade da cidade na segunda metade do séc. II d. C. (MCKENZIE, 2008, p. 188).

A documentação aqui discutida enfatiza que a posição central de Alexandria como um núcleo aglutinador de vários povos a transformara em um local visado por muitos. Além da dinâmica comercial, suas festividades eram atrativas, ocasiões que resultavam em grandes aglomerações e podiam gerar turbulência e conflitos. Assim, não é fortuita a ênfase de Dion Crisóstomo em dois principais aspectos: grandeza e turbulência, pois eram elementos inter-relacionados. As multidões reunidas podiam também disseminar rumores e “modas” e atingir grande amplitude, pois de lá alcançariam as terras de todos que passavam pelo local. Assim, nenhum outro local do Império tinha esse talento para a divulgação das coisas, como em Alexandria.

Com a hegemonia romana, muitas cidades eram tentadas a imitar a magnificência de Roma, e quanto maior o prestígio de uma metrópole, mais de perto e com mais “inveja” ela era vigiada (LENDON, 2001, p. 77). Ou seja, não se trata de uma coincidência ser Alexandria a cidade mais (mal e bem) falada e, também, a mais controlada por Roma. Daí tantos relatos enquadrando a cidade ao seu lado e estabelecendo uma espécie de classificação de Alexandria como a segunda cidade do Império Romano. Não era apenas uma comparação em relação a sua grandeza geográfica e populacional, mas ao fato de a cidade se sobressair em uma série de aspectos, que no geral a assemelhavam a Roma. Assim, tantas adjetivações serviriam para compará-la à Capital do Império, demonstrando suas semelhanças e diferenças. Daí a preocupação dos autores em traçar uma categorização de cidades, talvez como uma espécie de alerta. Através de Alexandria a excelência romana ficaria refletida como em um espelho, mas também, as suas ausências e falhas ficariam mais proeminentes.

No mundo romano, crítica e hostilidade excessiva podiam ter a intenção de aumentar a própria glória. Em uma sociedade onde o renome era conquistado à custa de outros, era necessário trazer o oponente para baixo (MARINCOLA, 1997, p. 163-164). Ou seja, criticar ou elogiar Alexandria reforçava e chamava a atenção para as melhores qualidades de Roma e ilustrava seus pontos frágeis. Assim, Alexandria representava uma ameaça a Roma por ser tão semelhante a ela. Tal preocupação foi se manifestando de

diferentes formas conforme as transformações vivenciadas pelas duas cidades. Sob os Ptolomeus, Roma se relacionava com Alexandria através da aproximação e de acordos diplomáticos, depois através da intromissão amigável nos assuntos da realeza. Em seguida, através da anexação, pois o fortalecimento das duas cidades tornou-as oponentes, daí a necessidade também de incorporar Alexandria ao Império. E, finalmente, através da vigília contínua (três tropas romanas no Egito) e de diferentes estratégias para manter o cerco sobre a cidade (ausência da *Boulé*, instituição do cargo do prefeito, proibição dos senadores de entrarem no território), a partir do momento que Roma é confirmada como a suprema potência do mundo. Era importante mantê-la vigiada e tranquila. Dessa forma, acreditamos que os escritos do período funcionavam como forma de manter esse “alerta” vivo, por isso a recorrente ênfase na polêmica.

Percebe-se que alguns episódios e temáticas foram narrados repetidamente, enquanto outros assuntos foram, aparentemente, descartados e ignorados. É notável também a manutenção proposital de determinadas lacunas. Nesse sentido, a escolha dos conteúdos para tratar da cidade já fornece consideráveis pistas da Alexandria que os antigos queriam representar. Portanto, uma leitura atenta dessa diversidade de narrativas permite, a contrapelo, uma compreensão mais apurada das tensões entre Alexandria e Roma e da importância alcançada pela metrópole no mundo greco-romano.

Referências

Documentação primária impressa

ACHILLES TATIUS. *Leucippe and Clitophon*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1969.

ARRIAN. *Anabasis of Alexander*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1976-1983.

CAESAR. *Alexandrian war*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1955.

CAESAR. *Civil wars*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1914.

- CICERO. *On the Republic*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1928.
- _____. *Letters to Atticus*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library 1999.
- _____. *On Duties*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1913.
- _____. *On the agrarian law*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library 1984.
- _____. *Pro Rabirio Postumo*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1953.
- DIO CASSIUS. *Roman history*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1954-1961.
- DIO CHRYSOSTOM. *Discourses*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1932-1951.
- DIODORUS SICULUS. *Library of history*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1933-1967.
- HERODIAN. *History of the Empire*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1969-1970.
- JOSEPHUS. *The Jewish war*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1927-1928.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1918-1935.
- PHILO. *On the agrarian law*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, The Loeb Library Classical 1984.
- _____. *Against Flaccus*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1941.
- _____. *On special laws*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1937-1939.
- _____. *On dreams*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1934.
- _____. *On drunkenness. On husbandry*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1930.
- _____. *On the cherubim*. London: Harvard University Press, The Loeb Classical Library 1929.

- _____. *Allegorical interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library 1929.
- PLINY. *Panegyricus*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1972-1975.
- PLINY. *Natural history*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1938-1963.
- PLUTARCH. *Moralia*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1927-2004.
- _____. *Lives* Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1914-1926.
- QUINTUS CURTIUS. *History of Alexander*. London: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1946.
- TACITUS. *Histories and Annals*. London: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1980.
- STRABO. *Geography*. London: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1960.
- SUETONIUS. *Lives of the Caesars*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1997-2001.
- VITRUVIUS. *On architecture*. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1924.

Obras de apoio

- BARRY, W. D. *Faces of the crowd: popular society and politics of Roman Alexandria, 30 B.C. - A.D. 215*. PhD Thesis, University of Michigan, 1988.
- BINGEN, J. *Hellenistic Egypt: monarchy, society, economy, culture*. Berkeley/ Los Angeles/ California: University of California Press, 2007.
- BOWMAN, A. *Egypt after the Pharaohs 332 B.C. - A.D. 642*. California: University of California Press, 1986.
- CASSON, L. *Ancient trade and society*. Detroit: Wayne State University Press, 1984.
- ERDKAMP, P. *The grain market in the Roman Empire: a social, political and economic study*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ERSKINE, A. Life after death: Alexandria and the body of Alexander. *Greece and Rome*, v. 49, n. 2, p. 163-179, 2002.

- FEENEY, D. *Literature and religion at Rome: culture, contexts, and beliefs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HAAS, C. *Alexandria in Late Antiquity: topography and social conflict*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- HARKER, A. A. *Loyalty and dissidence in Roman Egypt: the case of the Acta Alexandrinorum*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- JONES, C. P. *The Roman World of Dio Chrysostom*. Cambridge/ Massachussets/ London: Harvard University Press, 1978.
- KNOX, B.M.W. Books and reader in the Greek world: from the beginnings to Alexandria. In: *The Cambridge History of classical literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 1-41. v. 1.
- KRASILNIKOFF, J. A. Alexandria as place: tempo-spatial Traits of royal ideology in Early Ptolemaic Egypt. In: HINGE, G.; KRASILNIKOFF, J. A. (Eds.). *Alexandria: a cultural and religious melting Pot*. Aarhus: Aarhus University Press, 2009, p. 21-41.
- LONDON, J. *The Empire of honour: the art of government in the Roman world*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MCKENZIE, J. *The architecture of Alexandria and Egypt: 300 B.C. to A.D. 700*. London: Prestel, 2008.
- MUSURILLO, H. *Acts of the Pagan martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954.
- RUNIA, D. T. Polis and megalopolis: Philo and the founding of Alexandria. *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 42, fasc. ¾, p. 398-412, 1989.
- SPENCER, D. *The Roman Alexander: reading a cultural myth*. Exeter: University of Exeter Press, 2002.
- SWAIN, S. *Hellenism and Empire: language, classicism, and power in the Greek World AD 50-250*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- VASUNIA, P. *The gift of the Nile: hellenizing Egypt from Aeschylus to Alexander*. Berkeley/ Los Angeles/ Londres: University of California Press, 2001.
- YOUNG, G. *Rome's Eastern trade: international commerce and imperial policy, 31 BC-AD 305*. London: Routledge, 2001.
- YOYOTTE, J. *Strabon: le voyage en Egypte. Un regard romain*. Paris: Nil Editions, 1997.